

NOÇÃO DE LÍNGUA: (RES)SIGNIFICAÇÕES DE SAUSSURE A PÊCHEUX

Liana Cristina Giachini*
Priscila Steffens Orth**
Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset***

RESUMO

Neste artigo analisam-se diferentes noções de língua, a partir das (re)construções teóricas de autores que contribuíram significativamente com a Ciência Linguística. Para sustentar esse objeto de estudo, nesse espaço, efetuou-se pesquisa bibliográfica, de cunho analítico e descritivo, em que se abordam alguns aspectos dos estudos saussurianos que possibilitaram a definição do objeto da linguística: a língua. Nesse percurso, reconstitui-se a memória dos estudos que antecederam o linguista genebrino, mobilizando a noção de horizonte de retrospecto de Auroux. Em seguida, apresenta-se um olhar aos escritos de Michel Pêcheux, leitor de Saussure, que (res)significa a noção de língua a partir dos estudos anteriores e define o discurso como objeto de estudo da Análise de Discurso (AD). Nessa perspectiva, a língua passa a ser a materialidade de análise e estrutura que possibilita o acontecimento.

Palavras-chave: Língua. Linguística. Análise de Discurso.

1 INTRODUÇÃO

Pensar o discurso sobre a Língua em diferentes condições de produção é algo que traz muitas implicações teóricas e, para tanto, é necessário marcarmos o lugar de onde falamos e porque o fazemos. Neste estudo objetivamos analisar a noção de língua e a forma como é (res)significada nos estudos linguísticos, de Saussure a Pêcheux, ancoradas no arcabouço de pesquisa bibliográfica, de cunho analítico e descritivo. Nesse movimento, filiadas à Análise de Discurso pecheutiana e dialogando com a História das Ideias Linguísticas, buscamos compreender o corte saussuriano e suas implicações nos estudos pecheutianos, cujo objeto de estudo é o discurso. Tomamos os dois teóricos por entendermos que o primeiro possui participação determinante na constituição da linguística como ciência, e o segundo por propor gestos de leituras densos e produtivos em relação à língua(gem), à história e à psicanálise.

Destacamos que, quando nos propomos a estudar as (re)construções de Saussure a Pêcheux, não tomamos o segundo como o único estudioso que (res)significou os estudos saussurianos. Entendemos que Saussure, ao definir o objeto de estudo da linguística (a língua), fê-lo a partir de inúmeras (res)significações dos estudos *a priori*, os quais em muitas bibliografias são concebidos como estudiosos pré-saussurianos. Seja em análise de discurso seja em outros campos teóricos, referenciar Saussure, para (res)significar sua teoria, (re)construí-la ou, muitas vezes, até denegá-la, faz parte do fazer ciência na linguística, como horizonte de retrospecto (AUROUX, 1992). Nesse sentido, concordamos com o autor quando afirma que

[...] o ato de saber, possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecto, [...] assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência: ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p. 11).

* Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul; doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria; lianacristinagiachini@gmail.com

** Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul; priscilaorth@hotmail.com

*** Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul; Professora de Língua Portuguesa na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; professora.rossaly@gmail.com

Dessa forma, entendemos que o discurso sobre a língua, ao se utilizar das nomeações estudos pré-saussurianos e pós-saussurianos, retoma a memória do *Cours de Linguistique Générale* (CLG) como discurso fundador, quando surge como um divisor da linguística – o que existia antes de Saussure e depois de Saussure. Para mobilizar a noção de discurso fundador, apoiamo-nos nas ideias de Orlandi (2001), que o concebe como um fio que permite a instauração do novo. Segundo a autora, a partir da “[...] instauração de uma nova ordem de sentidos”, cria-se uma nova tradição e se pode, ainda, (res)significar o que estava posto e instituir uma nova memória. O discurso fundador é entendido, portanto, como “[...] um momento de significação importante, diferenciado” ao construir relação com a filiação em que os sentidos são projetados “[...] para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito de permanente”, e “[...] talvez esse efeito que o identifique como fundador: [ou seja,] a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga, no entanto, na memória permanente (sem limite).” (ORLANDI, 2001, p 13-14).

Compreendemos, assim, que muito já foi dito e muito ainda resta a dizer sobre a obra saussuriana, e que cada leitura feita sobre a obra é datada, sob efeito das condições de produção do discurso sobre a ciência linguística. Além disso, é importante ressaltar que tais estudos não se limitam ao *Cours de linguistique générale*, uma vez que cada vez mais estudiosos têm se debruçado no estudo dos Escritos de Linguística Geral, de Bouquet e Engler, dos Manuscritos Saussurianos, além daqueles que se dedicam aos estudos dos anagramas e das análises saussurianas sobre as lendas germânicas, como a dos Nibelungos, por exemplo. Além disso, o estruturalismo linguístico constitui a conjuntura histórica e o horizonte de retrospectiva no qual se inscrevem os primeiros estudos realizados em AD, assim como, por conta do método, a linguística saussuriana e sua respectiva cientificidade passam a ser a pedra de toque de todas as ciências humanas (GADET; PÊCHEUX, 2010).

Apesar de entendermos que há sempre um movimento de ir e vir entre as teorias, uma vez que o novo tem sempre uma relação de já-la com o velho, na sequência, passamos a discorrer sobre o mote de nosso estudo, pensando os autores de forma separada, a fim de pensar sua obra entrelaçada às condições de produção desse dizer sobre a língua, para, então, buscar as relações entre esses dizeres.

2 NOÇÃO DE LÍNGUA: DOS ESTUDOS PRÉ-SAUSSURIANOS A SAUSSURE

Abordar as (res)significações saussurianas, em relação à língua, implica considerar que os estudos anteriores a Saussure contribuíram para o seu gesto de (re)definir a ciência linguística. E, parafraseando o próprio autor, ao entendermos que é o ponto de vista que cria o objeto, compreendemos que os estudos pré-saussureanos são pautados nesse olhar diferente sobre ele. Conforme Auroux (2008, p. 143, grifo do autor), “[...] a existência dos horizontes de retrospectiva atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há *conhecimento instantâneo*, o que não significa que o objeto do conhecimento ou o seu valor sejam temporais, como sustenta o relativismo.” Em nosso entender, são pontos de vista distintos, que emergem a partir de sujeitos¹ pesquisadores constituídos sempre em outras condições de produção e oriundos de formações discursivas diversas. Nesse sentido, consideramos necessário recuperar a memória dos estudos pré-saussurianos, para compreender a partir de que horizonte de retrospectiva Saussure produz suas reflexões sobre a língua.

Como o impacto do Curso de Linguística Geral de Saussure começou a aparecer somente na década de 1920, com Jakobson e Troubetzkot, podemos afirmar que até a Segunda Guerra mundial a linguística foi uma disciplina histórica. É Saussure que instaura a imanência da língua – a língua como sistema de signos independentes. Assim, a partir de seu projeto, não há mais razões para não se criar uma ciência linguística que considere a linguagem em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estrita entre a perspectiva histórica e a não histórica.

Concordamos com Scherer, Petri e Martins (2013), quando afirmam que, na produção e transmissão de um saber científico, entram em jogo questões políticas, que envolvem como o sujeito representa seu lugar institucional, a história, o imaginário e a representação acerca da língua. Nesse caminhar, atravessado pela historicidade, na construção do saber sobre a língua, muitos estudos linguísticos foram/são tomados pelo mito da língua mãe, a língua que, precedendo o castigo da Torre de Babel, seria a língua de origem, que suplantaria qualquer outra, a língua original, com a qual Deus presenteou o homem. Seriot (2000) nos mostra que a multiplicidade de línguas é a “[...] punição divina, por isso a desunião, a separação, enquanto o estado pré-babélico é descrito por contraste como o éden da comunicação, no seio de uma língua única, da fusão e da comunicação sem obstáculo.” Os motivos pelos quais o homem se interessa pela

língua são muitos. Os hindus, por exemplo, criam na palavra um canal para estabelecer uma relação íntima com Deus, enquanto os gregos procuravam compreender as formas de organização da linguagem.

Compreendemos, então, que o autor formalizou os estudos anteriores e a noção de que as línguas humanas são totalidades organizadas, intuição que percorreu o século que o antecedeu, e para compreender esse recorte, é necessário retomar algumas dessas abordagens do fenômeno linguístico: Schleicher (1821-1867), com sua abordagem naturalista, foi o primeiro a abordar o estudo da fala e compreendia a língua como uma planta, em sua organicidade, Whitney (1827-1894) compreendia a língua como instituição social, e Bopp (1791-1867) desenvolveu um método de manipulação de dados linguísticos, tendo a língua como objeto, numa abordagem comparativa, utilizada até hoje pela ciência linguística.

É com a linguística histórica que se tratará, pela primeira vez, a ideia da linguagem por si mesma e em si mesma, dando sustentação empírica à intuição de que as línguas são realidades históricas. Assim, o século XIX confere caráter sistemático ao trabalho de comparação gramatical, estabelecendo origens comuns. Além disso, William Jones – juiz que estudou o sânscrito em comparação com o grego e o latim – levanta a hipótese das origens comuns e, dessa forma, desencadeia estudos comparativos e biológicos e a ideia de que as línguas mudam com o tempo e têm origens comuns que explicam as semelhanças. Tais entendimentos podem ser ilustrados pelas Leis de Grimm e Verner, que preparam para o corte saussuriano, ao trazer a ideia de que fatos linguísticos apenas são condicionados por fatos linguísticos.

Costuma-se admitir o ano de 1878 como a data inicial do movimento neogramático. No manifesto neogramático,² Orthoff e Brugmann criticam a concepção naturalista da língua, que a via como tendo existência independente. Interessava-lhes investigar os mecanismos da mudança linguística e não apenas reconstruir estágios remotos da língua. Os autores criticavam em seus antecessores o fato de que, diante de irregularidades, costumavam interpretá-las como exceções casuais, o que levava a crer, segundo eles, que as línguas não seriam suscetíveis de estudo científico.

A essa época, o principal manual dos neogramáticos foi o livro publicado pelo alemão Hermann Paul (1847-1921), que negava a possibilidade de uma linguística que não fosse histórica. Para ele, a linguística precisava de duas ciências para compreender o funcionamento da mudança histórica das línguas: a psicologia (social) e a fisiologia (aspectos biológicos), uma vez que a mudança ocorre no processo de aquisição da linguagem.

Whitney (1827-1894) e Humboldt (1767-1835) também foram importantes pensadores da linguística que perceberam a língua como sistema. Whitney é citado por Saussure por demonstrar o caráter arbitrário dos signos e por perceber a língua como instituição social, defendendo a necessidade de uma ciência autônoma que deveria se diferenciar do estudo histórico-comparativo e ser independente das ciências naturais e da psicologia.

Para mostrar bem que a língua é uma instituição pura, Whitney insistiu, com razão, no caráter arbitrário dos signos, com isso, colocou a Linguística em seu verdadeiro eixo. Mas ele não foi até o fim e não viu que tal caráter arbitrário separa radicalmente a língua de todas as outras instituições. (SAUSSURE, 2006, p. 90).

Humboldt, por sua vez, traz a ideia de que os sons são expressão do pensamento e concebe a língua como processo, não como produto. Apesar de ter pressupostos diferentes de Saussure e Whitney, Humboldt também concebia a língua como uma totalidade organizada, em que o elemento somente faz sentido no conjunto, traço fundamental para a linguística estrutural do século XX.

No que se refere à relação dos pré-linguistas com Saussure, entendemos que o percurso do proclamado “Pai da Linguística” não seria o mesmo sem o seu olhar para a concepção sobre a língua, a partir dos diferentes teóricos. Em consonância com Câmara Júnior (2006, p. 21, grifo do autor), compreendemos que “[...] mesmo nos séculos modernos uma história da linguística não poderia ignorar inteiramente alguns estudos *pré-linguísticos* e *paralinguísticos* que tratam dos aspectos filológicos, biológicos e filosóficos da linguagem.” Compreendemos, por conseguinte, que todos esses estudos constituem o horizonte de retrospectiva a partir do qual se constitui a teoria saussuriana e, mesmo que não sejam citados pelo autor, no CLG, precisam ser considerados por refletirem as condições de produção da noção de língua saussuriana, na qual nos debruçaremos agora.

Dadas as contribuições das quais Saussure parte, mesmo sem mencioná-las diretamente, questionamo-nos: em que aspecto o fazer ciência de Saussure se sustenta para se constituir como um marco na linguística? Sobre isso, Faraco

(2007, p. 28) conclui que “[...] o que ele fez (e não é pouca coisa, evidentemente) foi dar consistência formal à velha intuição de que as línguas humanas são totalidades organizadas”, ou seja, a partir desse gesto propõe (res)significações que foram marcadas historicamente.

Entendemos que a noção de língua não é fixa nem estável e somente o seria se o discurso teórico esgotasse. Ferdinand de Saussure, no *Cours de Linguistique Générale*, objetiva determinar o objeto da linguística e, para chegar a tal propósito, não apenas (res)significa os estudos pré-saussurianos, mas também as próprias teorias. Bouissac (2012, p. 10) aponta o depoimento de um aluno ao enunciar que o professor “Saussure estava tão envolvido com o que apresentava no curso que dava a impressão de que as ideias surgiam à medida que ele ia falando e não que ele estava lendo papéis cuidadosamente escritos e preparados para suas aulas.” Ainda, segundo seus alunos, o professor não repetia as ideias ano após ano, ou seja, (res)significava suas teorias em relação à língua, mesmo após definido o objeto de estudo da linguística.

Considerando que o curso em cena foi reconstituído a partir de anotações dos discípulos de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, além da edição feita por Albert Riedlinger, entendemos que esse gesto de (re)escrita também pode ter provocado outras (res)significações em torno da noção de língua, o que desencadeou a publicação do CLG, famosa obra póstuma que já mencionamos.

Saussure deixou o legado de uma ciência geral dos signos. Em seu curso, o estudioso concebia a linguagem como um sistema de significações. No gesto de cindir a linguagem em língua e fala, Saussure determina que a língua (*la langue*) é um sistema abstrato de regras, e a fala (*la parole*) é o uso que se faz dessas regras. De acordo com Saussure (2006, p. 22), no CLG, “[...] com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo o que é social do que é individual; o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.” Esse corte é feito porque Saussure considera que a fala, a princípio, não pode ser sistematizada e descrita, diferente da língua. Assim, Saussure (2006, p. 23) toma a língua como objeto de análise, pois “[...] enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea.” É importante destacar que o que o estudioso chama de *la langue* foi redefinido de forma que o seu significado difere dessa palavra na língua francesa comum (BOUISSAC, 2012).

Nesse percurso, com o intuito de compreender o fenômeno linguístico, Saussure elege como noção central a noção de valor, e essa abordagem toma força em uma de suas últimas aulas. Para entendê-la é necessário compreender distinções e decisões teóricas que incluem a distinção de língua e fala, destacadas anteriormente, bem como as noções de significante, significado e signo.

Ao falar em valor linguístico, Saussure deu realce ao fato de que a relação significado/significante sempre deve ser considerada à luz do sistema linguístico em que o signo se insere, e não das situações práticas em que a língua intervém ou das realidades extralinguísticas de que permite falar. (ILARI, 2007, p. 64).

Saussure define o signo linguístico como a associação entre conceito e imagem acústica, ou seja, significado e significante. Nesse sentido, para o autor, a relação entre significado e significante é inteiramente arbitrária, o que desencadeia a noção de “natureza arbitrária do signo”. Assim, a noção de arbitrariedade tem a ver com a teoria de valor. É a partir dela que Saussure afirma que há uma ordem própria da língua.

Na perspectiva saussuriana, não há como determinar o valor de uma palavra isolada sem considerar todas as outras que delimitam o seu significado, ou seja, o sentido depende do sistema formado por todas as outras palavras. Se os significados fossem independentes, seria fácil traduzir qualquer língua em outra. Nessa perspectiva, para o autor, os signos significam pela diferença que há entre eles, já que o significado depende mais do que eles não são do que eles são. É a partir desses argumentos que Saussure define a noção de valor: “[...] uma rede de diferenças na qual cada elemento não possui identidade por si próprio, mas apenas na relação com os outros elementos do sistema.” (SILVEIRA, 2007, p. 108).

Outro conceito importante que Saussure desenvolve para enfatizar o objeto de estudo da linguística é a oposição entre sincronia e diacronia. Assim, considerando que seus estudos valorizavam na língua tudo aquilo que é sistemático, os estudos sincrônicos passaram a ocupar uma posição de primeiro plano. Já a diacronia, por se interessar por formas isoladas, não faz parte dos estudos saussurianos.

É inegável que Saussure tenha atingido seu propósito de congelar um estado específico da língua, de forma que os valores relativos dos signos fossem usados por uma comunidade linguística em um momento específico, para que assim pudessem ser observados e descritos (BOUISSAC, 2012). O autor definiu seus objetivos e apresentou os resultados para a comunidade científica com base no objeto por ele estabelecido. O surgimento das teorias linguísticas posteriores não permite que o critiquemos, pois é necessário considerar a historicidade e as condições de produção nas quais constituía esse olhar científico sobre a língua. Apesar de “congelar” um estado da língua para desenvolver seus estudos, entendemos que o estudioso tinha consciência de que as línguas não permanecem as mesmas.

Nesse sentido, a definição da língua como objeto da linguística e, a partir disso, a novidade da teoria de valor são legados que possibilitam inúmeras pesquisas, uma vez que há possibilidades de (res)significações que não cessam. Como afirma Benveniste (1991, p. 34), “[...] não há um só linguista hoje que não lhe [a Saussure] deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome.” Por concordarmos com a afirmação de Benveniste, na sequência passamos a pensar sobre o Pêcheux leitor de Saussure e de que forma suas ideias se aproximam ou se distanciam.

3 NOÇÃO DE LÍNGUA: (RES)SIGNIFICAÇÕES PECHEUTIANAS E A LEITURA DE SAUSSURE

Antes de tudo, é preciso considerar que a concepção de língua para a AD, assim como todo discurso sobre a língua, parte de um já-dito. Nesse sentido, ao formular sua teoria, compreendemos que Pêcheux (res)significa conceitos produzidos em outras condições de produção, vinculado a formações discursivas diversas. Retomando novamente as palavras de Saussure (2006), de que é o ponto de vista que cria o objeto, e, ao repensar a noção de língua, a Análise de Discurso de orientação pecheutiana elenca o discurso como objeto de estudo, por entender que ele abarca a movimentação e o processo de produção de sentidos.

O primeiro deslocamento proposto por Pêcheux em relação à perspectiva saussuriana se refere à dicotomia língua/fala. É importante ressaltar, porém, que fala e discurso não podem ser vistos como sinônimos, na distinção língua e fala proposta por Saussure, uma vez que a fala é individual, ao contrário do discurso. Dessa forma, para Pêcheux, a língua é o lugar onde se materializam os sentidos, enquanto o discurso é tomado como a inclusão dos efeitos materiais da língua na história.

Em seu texto AAD 69, Pêcheux discute alguns dos conceitos formulados por Saussure, visando a construir “[...] orientações conceituais para uma teoria do discurso.” Conforme o autor, Saussure concebe a língua como objeto homogêneo cuja especificidade se estabelece sobre duas exclusões teóricas: a exclusão da fala no inacessível da ciência linguística e a exclusão das instituições não semiológicas. Sem negar a concepção de língua saussuriana, Pêcheux propõe o deslocamento de função para funcionamento, que não se restringe somente aos aspectos linguísticos, mas abarca a colocação dos “protagonistas no discurso”, ou seja, as condições de produção que explicitam o funcionamento dos processos discursivos na sociedade.

Concordamos com Petri e Servo³ quando afirmam que Pêcheux reconhece o mérito de Saussure, mas não se refugia nas descobertas saussurianas, explicitando que a questão da produção dos sentidos ainda estaria à descoberta. Assim, Pêcheux nos mostra que há contradição, que há algo a ser buscado, e avança na formulação de uma teoria do discurso. Com relação a isso, Maldidier (2003, p. 21 e 22) acrescenta que, “[...] quando ele se interroga sobre o *efeito metafórico*, primeira formulação de sua concepção de sentido, é o valor linguístico que ele evoca [...]” Salientamos que essa discussão é trazida pelo próprio Pêcheux, em seu texto AAD 69.

Ora, o deslocamento conceptual proposto por Saussure consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema, deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela se torna um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento (retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da linguística, diremos que não se deve procurar o que cada parte significa, mas quais são as regras que tornam possível qualquer parte, quer se realize ou não). (PÊCHEUX, 1990, p. 60, grifo nosso).

Em decorrência de estar mergulhada na história e em constante movimento, a língua é compreendida em sua opacidade e incompletude, e em razão disso, nos estudos sobre o discurso, Pêcheux faz críticas à linguística em sua abordagem conteudista, por entender que a língua não é mero instrumento de comunicação entre indivíduos que se constituem como interlocutores. Observamos, assim, que “[...] apenas o reconhecimento da língua como heterogênea, em que se articulam e imbricam os aspectos estruturais (formais), atravessados por questões subjetivas e sociais, permite um deslocamento nas reflexões linguísticas.” (STÜBE NETTO, 2008, p. 72).

Ao produzir tal deslocamento, Pêcheux passa a relacionar a língua, no estudo do discurso, com a história e a psicanálise, compreendendo a relação de interdependência entre tais ciências, que resulta na “tríplice aliança”, Saussure – Marx (lido por Althusser) – Freud (no olhar de Lacan), e fortalece a AD como uma disciplina de entremeio, mas com um objeto de estudo bem definido: o discurso. É nesse sentido que a língua da/na/para a AD não se constitui como simples ferramenta de comunicação, uma vez que é concebida no processo histórico-social do qual sujeito e sentido são constitutivos e oferece – segundo Pêcheux – as condições materiais de base do processo discursivo. Compreendemos, portanto, a língua como fato social e histórico, mediador ou transformador das relações do homem com a realidade.

Para Gadet e Pêcheux (2010, p. 168), a linguística persegue o ideal da língua, definida como a língua inatingível: “A língua inatingível é a aparição no interior da linguística de um espaço lógico regulamentando as práticas dessa disciplina, levando o sujeito humano a se reconhecer nesse regulamento.” Esse ideal da língua é definido por Orlandi como “língua imaginária”. Conforme a autora, “[...] a língua imaginária obriga a passar pelas coerções, coloca paradigmas e controla o uso e a forma da língua.” (ORLANDI, 1988, p. 30). A língua fluida, por outro lado, é tida como a língua que se fala no dia a dia, a variedade coloquial.

É importante ressaltar que, para Pêcheux, a importância da língua está em entendê-la como a materialidade do discurso, uma vez que é nela que efeitos de sentido se concretizam e que o sujeito se inscreve no mundo. Nessa perspectiva, a materialidade da ideologia é o discurso e, por isso, a relação língua-discurso-ideologia. É na interpelação do indivíduo em sujeito que, também, a língua faz sentido, e é na língua(gem) que o sujeito atribui sentidos. A AD trabalha “[...] com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.” (ORLANDI, 2010, p. 16). Para Pêcheux (1995, p. 81),

[...] o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses dados personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim como a base de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que, como mostramos mais acima, os processos ideológicos simulam os processos científicos.

Assim, a teoria da subjetividade proposta por Pêcheux procura olhar a língua demarcada pela opacidade, por furos, pela incompletude, por deslizos e falhas. E é isso que possibilita que o sentido possa ser sempre outro, que haja ruptura, que haja deslocamento. A língua não é somente estrutura, a língua demarca o(s) acontecimento(s); a língua é a possibilidade do discurso; ela é atravessada pela história. “Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados.” (ORLANDI, 2010, p. 37).

Esse sujeito, sempre incompleto, pensa ser o dono do seu dizer ou, ainda, que pode controlar o que diz. Ele é clivado pelo inconsciente, “[...] o que permite um olhar para a língua(gem) como um espaço em que o sujeito se presentifica brevemente, deixando vestígios de sua existência e de sua identidade múltipla, bem como revelando sua heterogeneidade e o descontrole sobre si.” (ANDRADE, 2008, p. 13). Esse sujeito “livre” “[...] pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-lo. Essa é a base do que chamamos assujeitamento.” (ORLANDI, 2010, p. 50). Ou, ainda, nas palavras de Pêcheux (1990, p. 77), “[...] o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima [...]”

Assim, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia (PÊCHEUX, 1975), por meio da inscrição em diferentes formações discursivas, nas quais são reescritos traços históricos e ideológicos. Entretanto, é necessário observar que essa interpelação ideológica não ocorre de maneira estanque e fechada, e é essa incompletude e mobilidade característica do processo de produção de sentidos que viabilizam o equívoco que, nessa perspectiva, é um dos conceitos-cha-

ve para entender a concepção de língua da AD. Para Ferreira (1999), esse é um dos pontos que distanciam a perspectiva discursivista pecheutiana da concepção dos outros linguistas. Segundo a autora,

Na visão do lingüista, a língua enquanto sistema só conhece sua ordem própria, o que vai impedir-lhe de considerar os deslizamentos, lapsos e mal-entendidos como parte integrante da atividade de linguagem. Já o discursivista, como se sabe, acatando a lição de Pêcheux, incorpora tais desvios “problemáticos”, como fatos estruturais incontornáveis e próprios à língua. (FERREIRA, 1999, p. 124-125).

Ao entender o equívoco como constitutivo, Pêcheux nos mostra a transitoriedade dos sentidos, que se produzem por meio de relações metafóricas ocorridas nas formações discursivas que representam – de acordo com Orlandi (1996) – seu lugar histórico provisório. Se os lugares históricos são provisórios, igualmente o sentido está à deriva e pode se deslocar, promovendo deslizamentos e se mostrando passível de se tornar outro. Torna-se interessante, nesse sentido, evocar as palavras de Milner (1987), para quem a língua comporta o real da *lalangue*: a falha, a ambiguidade, a imprecisão e a dubiedade que lhe são constituintes e que permitem esse deslocamento de sentidos em sua efemeridade. O real da língua é, portanto, representado por uma série de equívocos que lhe são constitutivos.

Logo, podemos afirmar que os grandes movimentos de Pêcheux em relação à concepção de língua são perceber o espaço do equívoco como fato linguístico estrutural e entender que língua, ideologia e história são constitutivas do processo discursivo, adotando o discurso como objeto de estudo em que linguagem e ideologia se cruzam. Assim, a língua passa a ser, além de estrutura, lugar de acontecimento.

4 CONCLUSÃO

Se, ao fazer ciência em AD, remetemo-nos a um já-dito, é importante destacar que o percurso teórico dos linguistas abordados na pesquisa também parte desse pressuposto, que o sujeito não é origem de seu dizer, as contribuições, rupturas e (res)significações propostas por esses autores tomam corpo na ciência linguística a partir de um discurso outro.

Na perspectiva discursiva, torna-se necessário compreender que cada teoria está relacionada a condições de produção e formações discursivas e ideológicas que permitem que determinados sentidos sejam produzidos enquanto outros são apagados. Assim, no momento em que a linguística buscava sua afirmação como ciência, Saussure apresenta a dicotomia língua/fala, a partir da qual delimita a língua como objeto de estudo da linguística e, como consequência disso, acaba produzindo efeito de exclusão em relação à exterioridade, que, para Pêcheux, é constitutiva do discurso. Contudo, Gadet e Pêcheux (2004) enfatizam o fato de que as condições de produção à época da publicação do CLG impossibilitavam avanços na interpretação dessa dicotomia e, por isso, as leituras em torno dela se restringiram a uma visão excludente. Pêcheux aponta, portanto, que essa separação corrobora a existência da heterogeneidade e da contradição constitutivas da língua. Em outras palavras, no CLG, o que o autor faz é definir a língua como objeto, o que causa um efeito de separação, mas não de exclusão. Em relação a isso, entendemos que o sistema precisa estar estruturado de forma inicial para que o social tenha funcionamento no sistema, ou seja, é porque se tem o sistema que se pode pensar em individualidade.

A concepção de língua nas diferentes teorias linguísticas foi abordada em virtude da importante posição ocupada por esses teóricos no discurso sobre a língua. Nessa abordagem, consideramos importante revisitá-las, entendendo-as como efeitos de retomadas e (res)significações, mas, sobretudo, respeitando-as em sua historicidade e compreendendo que mobilizaram diversos saberes e dizeres constituintes da Ciência Linguística em toda a sua especificidade.

Notion of Language: reframes from Saussure to Pêcheux

Abstract

This article aimed at analyzing different notions of language, from the theoretical (re)constructions by authors who are understood to have contributed significantly with Linguistics. Thus, in order to give background to the research problem, some aspects of the saussurean studies were approached, which made possible the definition of Linguistics object: the language. Through this route, it was reconstructed

the memory of studies that preceded the Genevan linguist, mobilizing the notion of Aroux's notion of retrospection. Furthermore, the writings by Michel Pêcheux, reader of Saussure, are our focus, once they reframe the notion of language from previous studies and define the discourse as study object of Discourse Analysis. This way, language turns to be the materiality of analysis and structure that makes the event possible.

Keywords: Language. Linguistic. Discourse Analyses.

Notas explicativas:

¹ Compreendemos que o sujeito da Ciência é interpelado ideologicamente e se constitui no e pelo discurso, determinado pelas condições de produção. Assim, é, também, “[...] um sujeito histórico, assujeitado à divisão de classes.” (HENRY, 1992, p. 128).

² O texto tido como manifesto neogramático se constitui no prefácio da revista *Morphologischen Untersuchungen*, assinado por esses dois autores, em 1878.

³ No prelo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. R. de. **Entre o desejo e a necessidade de aprender línguas**: a construção das representações de língua e de aprendizagem do aluno-professor de língua inglesa. Campinas: [s.n.], 2008.

AUROUX, S. A historicidade das ciências. In: AUROUX, S. **A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências**. Tradução Mariângela Joanelho. Campinas: Editora RG, 2008.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: EdUNICAMP, 1992.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes Editores, 1991.

BOUISSAC, P. **Saussure**: um guia para os perplexos. Petrópolis: Vozes, 2012.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **História da linguística**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 27-52.

FERREIRA, M. C. L. **Saussure, Chomsky, Pêcheux**: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua, 1999. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/302/268>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes, 2010.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita**: língua, sujeito e discurso. Tradução Maria Fausto P. de Castro. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 53-91.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso – (re)ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MILNER, J.-C. **O Amor da Língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ORLANDI, E. P. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda (Org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11-20.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERER, A.; MARTINS, T. da S.; PETRI, V. Na Análise de Discurso, “a paisagem é realmente acidentada”, ou reflexões acerca de seu processo de disciplinarização no sul do Brasil. **Signo y Señá**: Revista del Instituto de Lingüística de la Facultad de Filosofía y Letras (UBA), n. 24, p. 21-34, 2013. Disponível em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/117/82>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

SEROT, P. Limites, bornes et normes: la délicate constitution de l’objet de connaissance en sciences humaines. **Colloque Géo Ponts**, p. 125-139, 2000.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

STÜBE NETTO, A. D. **Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas**: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. Campinas: [s.n.], 2008.

